ANÁLISE DOS ASPECTOS MORFOLÓGICOS E DA APROPRIAÇÃO DA PAISAGEM EM DUAS PRAÇAS DA FAVELA DE VILA CANOAS – UMA REFLEXÃO SOBRE A INTERVENÇÃO DO PROGRAMA BAIRRINHO NO RIO DE JANEIRO

ANALYSES OF THE MORPHOLOGICAL ASPECTS AND THE APPROPRIATION OF THE LANDSCAPE IN TWO SQUARES OF THE FAVELA OF VILA CANOAS – A REFLECTION ON THE INTERVENTION OF THE BAIRRINHO PROGRAM IN RIO DE JANEIRO

Solange Araujo de Carvalho
Arquiteta e urbanista, formada pela FAUUFRJ e mestre pelo PROARQ-FAU-UFRJ.
e-mail: solange@fau.ufrj.br

RESUMO

O artigo apresenta os aspectos morfológicos de duas praças de Vila Canoas, favela situada no bairro de São Conrado, no Rio de Janeiro. Vila Canoas, assim como sua vizinha, a favela de Pedra Bonita, foi urbanizada em 2000 pela prefeitura da cidade do Rio de Janeiro, por intermédio do Programa Bairrinho e as duas praças analisadas são resultantes do processo de melhorias urbanísticas implantadas.

A partir do estudo de transformação da paisagem, da estrutura morfológica e dos aspectos funcionais das praças Vila Canoas e São Paulo, este artigo apresenta as dicotomias entre esses dois espaços livres e faz uma análise da apropriação dos moradores dessas áreas. Também é apresentada uma análise comparativa entre desenho urbano proposto no projeto original de intervenção urbanística e o resultado implantado, buscando entender o quanto a forma resultante pode ter influenciado na utilização e na apropriação dos espaços livres pelos moradores.

Palavras-chave: Morfologia, favela, apropriação, evolução da paisagem, desenho urbano.

ABSTRACT

The article presents the morphological aspects of two squares in Vila Canoas, a favela located in the neighborhood of São Conrado, in Rio de Janeiro. Vila Canoas as well as its neighbor, the favela Pedra Bonita, were urbanized in 2000 by the City of Rio de Janeiro through the Bairrinho Program. The two squares that will be analyzed are a result of this process of implemented urban improvements.

By studying the transformation of the landscape, the morphological structure and the functional aspects of the Vila Canoas and São Paulo squares, this article will present the dichotomies that exist between these two outdoor spaces and will carry out an analysis of the appropriation by the residents of these areas. The article will also present a comparative analysis between the proposed urban design of the original project of urban intervention and the implemented result, as it seeks to understand how the final form may have influenced the use and appropriation of the outdoor spaces by the residents.

Key words: Morphology, favela, appropriation, evolution of landscape, urban design.

INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta o estudo morfológico e de apropriação da paisagem de dois espaços livres de edificação dentro da malha urbana da cidade do Rio de Janeiro. Dentro desse universo, foi escolhido como recorte a temática de minha pesquisa de mestrado – a favela carioca e sua relação com a paisagem e o bairro formal, em que o enfoque é a requalificação do ambiente construído conformado pela habitação. A aproximação foi feita na favela de Vila Canoas, estudo de caso da pesquisa de mestrado, localizada em São Conrado, bairro de classe média alta da zona sul do Rio de Janeiro.

A paisagem do bairro de São Conrado é uma das mais marcantes da cidade. Os morros Dois Irmãos, a Pedra da Gávea e o Maciço da Tijuca conformam um recôncavo coberto de mata que se espraia até o mar. Nas encostas, surgem, debaixo da densa vegetação, as casas do bairro. As torres dos condomínios de luxo junto da praia e os gramados de golfe marcam a paisagem de São Conrado, contrastando com a encosta ocupada pela maior favela da América Latina – a Rocinha.

É nesse contexto que está inserida a favela Vila Canoas, pequeno assentamento informal com aproximadamente 400 domicílios, quase despercebida na paisagem do bairro. Os espaços livres públicos da favela foram urbanizados em 2000 pela prefeitura da cidade do Rio de Janeiro por meio do Programa Bairrinho[1]. Vila Canoas, com densa massa construída verticalizada, possui apenas duas pequenas praças – Vila Canoas e São Paulo, objetos de estudo deste artigo. Após a urbanização da favela, as fachadas das casas do entorno da praça São Paulo ganharam revestimento por meio do Projeto Bela Favela[2], que visava à valorização do espaço público pela requalificação do ambiente construído, pelo envolvimento dos moradores de Vila Canoas no processo de intervenção conjunta. O Projeto Bela Favela detonou o processo de melhoria das casas da favela financiado pela ONG Come Noi, estimulada pela requalificação do ambiente da praça São Paulo.

Os espaços livres, do ponto de vista morfológico, são definidos, segundo Macedo, por dois planos: o horizontal, sempre formado pelo piso, e o vertical, que pode ser traduzido por diversos elementos. No caso dos espaços livres de Vila Canoas, o ambiente construído é plano vertical que define morfologicamente essas áreas. A partir de observações em campo, constatou-se que os espaços livres da favela eram dependentes do ambiente construído e as relações entre o espaço edificado e o espaço livre de edificação chegavam a determinar sua apropriação. Nesse sentido, tornou-se imprescindível o estudo das escalas e proporções entre espaço livre e entorno edificado, com a aplicação do método utilizado por Ashihara[3]. Dados relevantes surgiram a partir dessa análise, que ajudaram a entender as relações de apropriação dos usuários nas praças estudadas.

Nesse sentido, o trabalho foi fundamentado pela conceituação de Hertzberger[4] sobre as relações da apropriação dos usuários em diversos espaços internos e externos, que auxiliou nas considerações alcançadas.

Figura 1: Localização de Vila Canoas no bairro de São Conrado
Fonte: Intervenção da autora sobre mosaico de ortofotos na escala 1/10.000, do Instituto Pereira Passos, 1999

A instrumentação utilizada na disciplina Arquitetura da Paisagem[5], apresentada neste artigo, trouxe um método eficiente de análise dos aspectos formais dos espaços livres e a avaliação da paisagem, embasando a reflexão sobre o papel do desenho urbano na apropriação das áreas livres.

LINHAS TEÓRICAS E MÉTODOS UTILIZADOS

O conceito de espaços livres definido por Macedo[6] engloba diversas categorias de espaços dentro do tecido urbano, denominados espaços livres de edificação. Os espaços livres nas favelas são áreas de pequenas proporções conformadas pelo tecido urbano e pelo ambiente construído, a definirem sua estrutura morfológica. O padrão de espaços livres da cidade formal, regida pela legislação que impõe áreas livres de edificação nos lotes e nas quadras, não é seguido na favela. O crescimento desordenado das edificações formando, gradativamente, uma massa densa construída, muitas vezes só deixa à disposição espaços para a circulação mínima necessária. Os poucos espaços livres da favela adensada, como em Vila Canoas, são "comprimidos" pelo ambiente construído, gerando relações que influenciam a apropriação da paisagem. Assim, buscou-se fundamentar as relações entre o espaço construído e os espaços livres

pela observação da escala e das proporções existentes nos ambientes pesquisados, de acordo com a teoria de Ashihara.

Os conceitos de público e privado aqui tratados diferem da questão de propriedade. O enfoque dado às relações de público e de privado traduz-se pelos sentimentos de privacidade e de pertencimento do usuário no ambiente construído e nas áreas livres públicas. Como observaremos mais adiante, uma praça, definida como pública em termos de propriedade, tem o caráter semiprivado, independente de estar aberta a todos. Segundo Hertzberger, essas relações são definidas por uma série de qualidades espaciais, como o acesso e a responsabilidade sobre as unidades espaciais. Este artigo teve embasamento na teoria de Hertzberger sobre as relações entre forma e apropriação, na qual foi analisada a conexão entre o tipo de envolvimento dos usuários e a utilização concedida aos espaços.

Primeiramente, partiu-se de um recorte urbano que abrangia a favela e o entorno próximo do bairro formal, onde foram levantadas, pelas observações em campo e mapeamento preliminar, as características básicas da estrutura morfológica, a transformação da paisagem no tempo, os aspectos funcionais e o sistema de espaços livres. Foi feita, então, uma aproximação nas duas praças da favela – Vila Canoas e São Paulo, onde foram analisadas as relações formal e funcional com o entorno construído, o programa e função dos espaços livres, o tratamento e o mapeamento de usos pelos usuários. Finalmente, foi realizada uma análise comparativa entre o projeto original de urbanização das áreas, formulado para o Programa Bairrinho, e o desenho urbano que foi implantado[7], buscando uma reflexão sobre a influência da urbanização na apropriação da paisagem após as obras de melhoria urbanística em Vila Canoas.

HISTÓRIA E TRANSFORMAÇÃO DA PAISAGEM

Até final do século 19, a paisagem de São Conrado era composta de praia e manguezais, grandes fazendas para cultivo de café e mata nos morros. A praia da Gávea, atualmente conhecida como praia de São Conrado, era utilizada para a pesca pelos trabalhadores das fazendas e o acesso ao mar ocorreria pelo rio Canoas. Os pescadores desciam uma trilha que acompanhava o rio – o "Caminho das Canoas", até o trecho navegável onde guardavam suas canoas e daí seguiam pelo rio em direção ao mar. Parte dessa trilha foi, posteriormente, alargada, dando origem à Estrada das Canoas.

No início do século 19, são abertas a estrada da Gávea e a avenida Niemeyer, fato que facilitou o acesso à região e viabilizou o início de sua ocupação. A Igreja de São Conrado, marco da paisagem do bairro, foi construída em 1917 na fazenda da família do comendador Conrado Jacob Niemeyer. Aos poucos, as fazendas foram sendo vendidas, surgindo os primeiros loteamentos daquela região. Em 1921, uma grande área foi comprada por ingleses e escoceses, a maioria funcionários da Light, que fundaram o Gávea Golf & Country Club. A atual sede do clube ocupa a casa da antiga fazenda que ali existia e o extenso gramado de golfe é um dos elementos marcantes da paisagem do bairro de São Conrado.

Já nos anos 30, barracos de madeira da favela da Rocinha pontuavam a paisagem do bairro. A partir dos anos 40, o Gávea Golf & Country Club passou a permitir a construção de casas para funcionários em seu terreno, subdividindo uma pequena área entre o Caminho das Canoas e o rio em pequenos lotes, fato que originou a favela de Pedra Bonita. Uma ponte sobre o rio Canoas permitia acesso aos funcionários residentes ao clube. Quando os funcionários deixavam de trabalhar no clube, esses eram obrigados a deixar as casas. Sem opção para a nova moradia, a área íngreme vazia ao sul de Pedra Bonita, espremida entre o Caminho das Canoas e o rio e também de propriedade do Gávea Golf & Country Club, começou a ser invadida desordenadamente, dando origem assim, à Vila Canoas.

Nos anos 60, a expansão da cidade em direção à Barra da Tijuca detonou o processo de ocupação do bairro. São Conrado foi parcelado em grandes loteamentos residenciais. Mas foi nos anos 70, com a abertura do túnel Dois Irmãos (atual Zuzu

Final do século 19

Década de 1940

Década de 1970

Atualmente

Figura 2: Esquemas de representação da evolução da paisagem do bairro de São Conrado e de Vila Canoas
Fonte: Autora

Angel) e da auto-estrada Lagoa-Barra, que a paisagem do bairro foi definitivamente marcada. Esse eixo viário dividiu o bairro longitudinalmente, em duas zonas – a baixada junto da orla e as encostas dos morros, que tiveram distintas formas de ocupação. Interligando dois pólos – Zona Sul e Barra da Tijuca, São Conrado se tornou um bairro de passagem. Mas o maior crescimento populacional do bairro ocorreu na década de 1980, causado pela verticalização e pela expansão das favelas[8].

Os prédios isolados e verticalizados dos condomínios de luxo que ocupam as quadras da orla se destacam na paisagem e parecem se equilibrar com a massa vertical dos morros. Nas encostas, as casas dos loteamentos quase se "escondem" sob a densa vegetação. O conjunto de casas de Vila Canoas somente é percebido na paisagem do mirante no alto da Estrada das Canoas, em contraste com a favela da Rocinha, que já ocupa toda a encosta do morro e é um dos principais marcos da paisagem do bairro de São Conrado.

A legislação urbanística para o bairro de São Conrado, conscientemente ou não, contribui para uma relação equilibrada da paisagem, preservando os elementos principais da região. Os prédios junto da orla estão proporcionais às imensas paredes verticais da Pedra da Gávea e do Morro Dois Irmãos, enquanto a restrição de gabarito e de taxa de ocupação nos loteamentos das encostas, além do controle sobre o desmatamento, permitiu que a mata prevalecesse na paisagem sobre as edificações.

Figura 3: Vista do Mirante das Canoas para o bairro de São Conrado. Ao centro, o aglomerado de casas de Vila Canoas
Fonte: Foto da autora, 2007

Vila Canoas tem sua ocupação de origem informal, e, dessa forma, a legislação que incide sobre a área nunca foi respeitada, apresentando altíssima densidade e ausência total de vegetação. As obras de urbanização na favela, por meio do Programa Bairrinho, requalificaram a paisagem no aspecto ambiental e social, pela implantação de infra-estrutura e serviços. Porém, a verticalização das edificações foi significativa nos anos subseqüentes às obras de melhoria. O Projeto Bela Favela foi um incentivo na melhoria do ambiente construído da favela, pois, após o financiamento da ONG Come Noi para a melhoria das casas de Vila Canoas, a maioria das fachadas, antes em alvenaria aparente, já estão revestidas.

ESTRUTURA MORFOLÓGICA BÁSICA

Há enorme contraste entre a densa massa construída de Vila Canoas e as edificações esparsas do loteamento residencial do entorno do bairro de São Conrado, e, principalmente, com o grande vazio dos gramados do Gávea Golf & Country Club. Os distintos processos históricos de ocupação de Vila Canoas e de Pedra Bonita resultaram em diferentes morfologias. Enquanto a ocupação de Pedra Bonita se assemelha ao entorno formal, Vila Canoas é altamente densa e os poucos espaços livres são configurados pelos vazios entre as edificações.

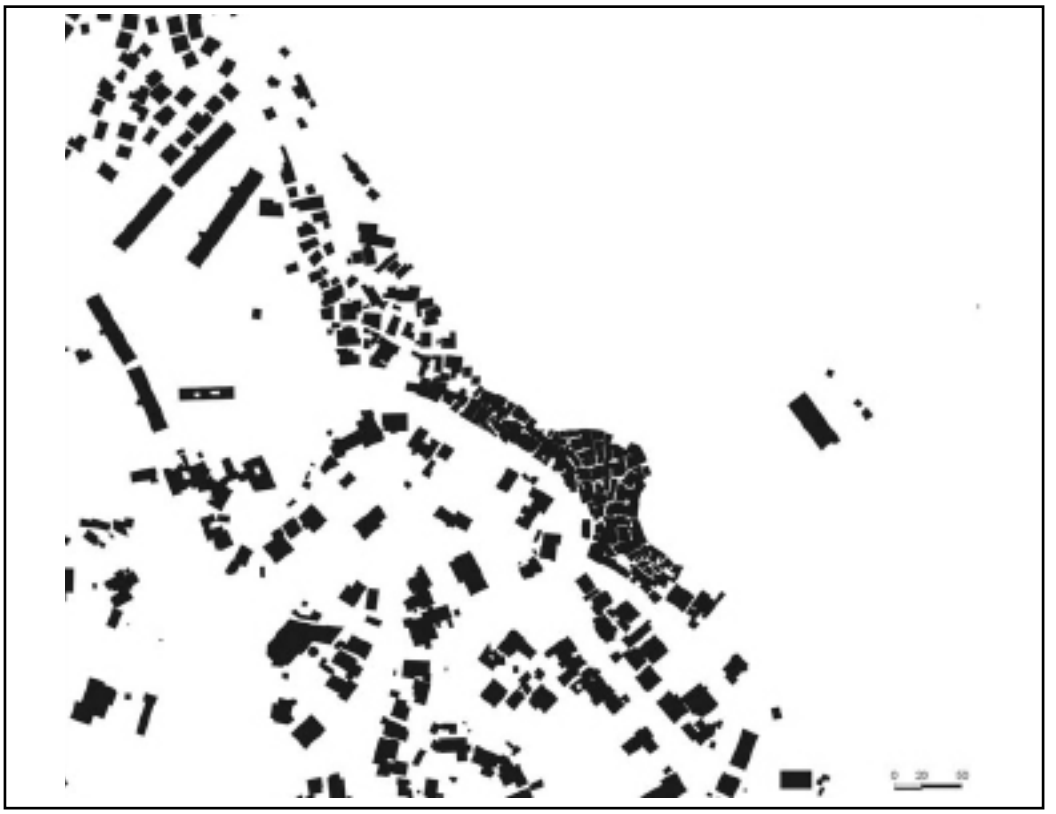

Figura 4: Mapa de figura-fundo da área de estudo
Fonte: Intervenção da autora sobre base cadastral da PCRJ/1997 e topografia, 2002

O padrão morfológico identificado no bairro formal do entorno de Vila Canoas é a edificação isolada em centro de lote (padrão 1). Antes das obras do Programa Bairrinho, esse também era o padrão de ocupação de Pedra Bonita. Com o adensamento posterior à intervenção urbanística, as casas foram sendo construídas nos espaços intermediários, configurando um padrão de casas geminadas (padrão 2) e, atualmente, é o padrão predominante em Pedra Bonita. Em Vila Canoas, a delimitação de lotes é inexistente e as edificações formam um grande aglomerado sem a definição clara das unidades (padrão 3).

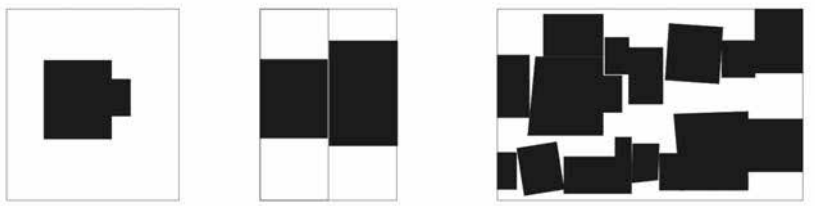

Figura 5: Esquema de padrões morfológicos da área de estudo
Fonte: Autora

Apesar da diferença de altura das construções da favela, em que a maioria é de três a quatro pavimentos, com as edificações de um a dois pavimentos do entorno, a volumetria construída de Vila Canoas não é percebida em sua totalidade. O terreno ocupado pela favela possui grande inclinação, em declive da Estrada das Canoas em direção ao rio. Somente o primeiro ou até segundo pavimento das edificações da favela são visíveis das ruas que margeiam Vila Canoas. As construções se desenvolvem para baixo descendo a encosta, tipologia muito característica dos morros do Rio de Janeiro, como em Santa Teresa ou na zona portuária. Na parte interna da favela, a altura das edificações, acentuada pelos becos muito estritos, gera uma sensação de confinamento[9].

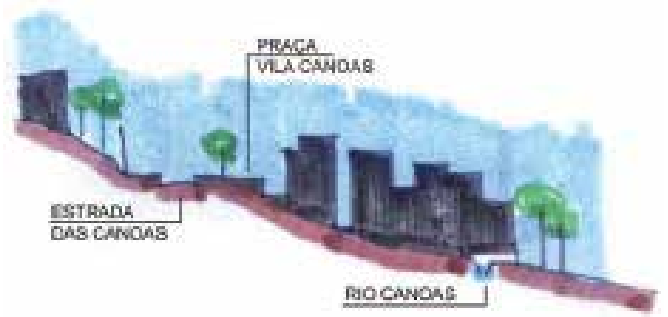

Figura 6: Corte esquemático transversal de Vila Canoas
Fonte: Autora

A vegetação original de Mata Atlântica do bairro de São Conrado, assim como em todo o Maciço da Tijuca, havia sofrido devastação para dar lugar a plantações de café. Atualmente, os morros do bairro estão cobertos por densa vegetação reflorestada[10],

conhecida como a floresta de São Conrado. Os loteamentos residenciais do entorno apresentam muita vegetação, concedendo um aspecto de floresta preservada, embora a limpeza dos terrenos, com a retirada das espécies rasteiras, processo que não é considerado desmatamento, cause enormes danos ao ecossistema[11]. A favela de Pedra Bonita está inserida na mata, chegando quase a fundir-se com ela. A ocupação de Vila Canoas, por sua vez, caracteriza-se pela ausência total de vegetação. Junto do rio, uma faixa de vegetação remanescente da floresta de São Conrado separa a comunidade dos extensos gramados do Gávea Golf & Country Club. Nessa área, as copas das árvores ultrapassam as edificações, amenizando a sensação de aridez predominante na favela.

O rio Canoas, importante vetor de transporte da região até o final do século 19, é muito pouco percebido na paisagem. Em Vila Canoas, o rio Canoas tem sua configuração natural. Porém, ele somente aparece em alguns trechos, nos espaços livres entre as edificações. A faixa de proteção do rio, de 14,5m [12], não só não foi respeitada como diversas residências foram construídas sobre ele, formando túneis. Todas as construções sobre o rio estão aguardando remoção[13]. Até as obras do Programa Bairrinho, o rio era altamente poluído. Com implantação de rede de esgoto na favela e a ação dos Guardiães do Rio Canoas, a poluição e o lixo foram eliminados, o que contribuiu significativamente na requalificação do ambiente junto do rio.

ASPECTOS FUNCIONAIS E SISTEMA DE ESPAÇOS LIVRES

Vila Canoas, Pedra Bonita e os loteamentos do entorno são predominantemente residenciais. É na favela que estão localizados o comércio e serviços, também utilizados pelos moradores ao bairro formal, e as instituições, que atendem, basicamente, à comunidade carente.

O terreno onde está localizada Vila Canoas é muito íngreme e está delimitado por duas vias do bairro formal – a Estrada das Canoas e rua Cel. Ribeiro Gomes, pelo rio Canoas e pelo muro do terreno do Gávea Golf & Country Club.

A principal via de acesso à favela é a Estrada das Canoas, que liga São Conrado ao bairro do Alto da Boa Vista, com tráfego intenso e grande oferta de transportes. Porém, a rua Cel. Ribeiro Gomes é a mais utilizada pelos pedestres para descer rumo à estrada Lagoa-Barra, pois esta não tem grande fluxo de veículos. No encontro dessas duas ruas está o principal acesso à favela e à praça Vila Canoas.

O sistema de espaços livres públicos de Vila Canoas, composto pelo sistema viário resultante da massa edificada desordenada e por duas pequenas praças, não ocorreu de forma planejada, como na maioria dos assentamentos informais[14].

O sistema viário se configura por estreitos becos e escadarias que chegam a ter larguras inferiores a 1,00 m, e, em muitos casos, são cobertos como verdadeiros túneis pelas edificações as quais quase se juntam nos andares superiores. Em diversos becos, a iluminação natural é insuficiente durante o dia. O sistema de becos, totalmente conformado pelo ambiente construído, mais parece um labirinto em que a sensação de clausura, acentuada pela verticalidade das edificações, é constante. No bairro

Figura 7: Mapa de hierarquização do sistema viário da área de estudo
Fonte: Intervenção da autora sobre base cadastral da PCRJ/1997 e topografia, 2002

formal, os lotes amplos com baixa densidade proporcionam a sensação de amplitude ao espaço público. O extremo contraste entre os sistemas viários do bairro e da favela intimida desconhecidos a aventurarem-se por suas vielas, pois a forte proximidade entre o espaço público e o privado, inexistente no bairro formal, configura ao ambiente da favela um caráter íntimo.

Em Vila Canoas, há somente duas pequenas praças. A praça Vila Canoas, na periferia da favela, é um espaço de transição com o bairro formal. Os moradores do bairro, no entanto, não a utilizam, entendendo a praça como área da favela. Situada no encontro das duas ruas dos bairros marginais à favela, era, até as obras de urbanização do Programa Bairrinho, a única área livre de Vila Canoas. O terreno acidentado foi urbanizado pela primeira vez em 1990 pela prefeitura, sendo subdividido em platôs equipados com mobiliário para área de permanência e lazer, e lazer infantil, embora esse uso não fosse recomendado pela proximidade com a Estrada das Canoas, expondo as crianças ao grande risco de atropelamentos. Também era ali que aconteciam reuniões e eventos comunitários, e sempre foi considerada a entrada da favela. A reestruturação

dessa área estava prevista no projeto de intervenção urbanística para Vila Canoas e Pedra Bonita, do Programa Bairrinho. O uso infantil seria transferido para outra área mais apropriada nos limites das duas favelas, e a praça Vila Canoas, que já apresentava um caráter comunitário, seria consolidada como espaço cívico. Porém, uma sobra de orçamento durante as obras de urbanização, viabilizando a construção de um posto de saúde para Vila Canoas, gerou uma modificação na proposta original. Por falta de outras áreas livres na favela, a prefeitura definiu, contra a vontade da população local, que essa nova edificação seria implantada no terreno da praça Vila Canoas[15], dividindo o espaço livre em duas pequenas áreas. O novo projeto da praça, no entanto, não foi executado, e a urbanização das duas áreas resultantes foi desenvolvida durante a obra por técnicos da Secretaria Municipal de Habitação.

Figura 8: Praça Vila Canoas
Crédito: Foto da autora, 2006

A praça São Paulo é o único espaço livre interno à favela e também foi resultado das obras de urbanização do Programa Bairrinho, embora não estivesse previsto no projeto original. A área que deu origem à praça São Paulo era ocupada por um barraco de madeira, que não resistiu às escavações nos becos que o circundavam para a implantação de infra-estrutura. Com o desabamento do barraco, abriu-se um novo espaço livre que foi urbanizado[16] como área de permanência. As fachadas do entorno da praça foram qualificadas por meio do Projeto Bela Favela, um ano após a intervenção urbanística. A história peculiar do local e o Projeto Bela Favela são atrativos de Vila Canoas, e a praça São Paulo recebe diariamente grupos de turistas estrangeiros que fazem visitas às favelas cariocas.

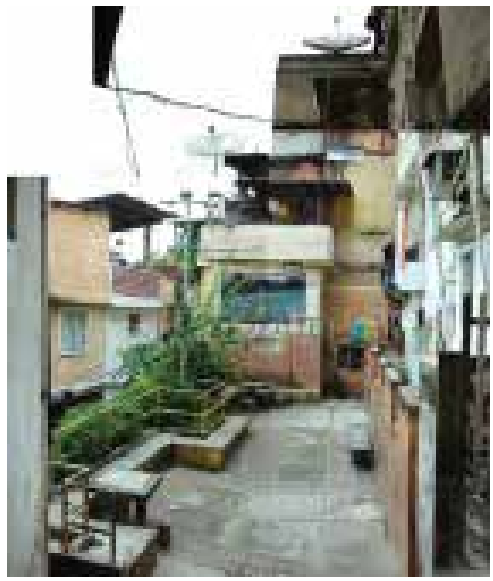

Figura 9: Praça São Paulo
Fonte: Foto da autora, 2006

ESPAÇOS LIVRES E O DESENHO DA PAISAGEM

A praça Vila Canoas, entrada da favela, é um espaço cívico e tem um caráter público, localizada em rua de grande fluxo e é uma área de transição entre bairro formal e favela. A praça São Paulo é um espaço interno à favela, de caráter semiprivado, servindo quase como "sala de estar" às casas que configuram o entorno imediato. O beco que liga a praça Vila Canoas à praça São Paulo é estreito, escuro e coberto por casas, formando um pórtico de acesso à praça São Paulo, acentuando ainda mais o caráter fortemente local e íntimo da área. A diferença de qualidade desses três espaços exteriores cria uma hierarquia[17], na qual a praça Vila Canoas é um espaço exterior, o beco que liga as duas praças é semi-exterior e a praça São Paulo é interior.

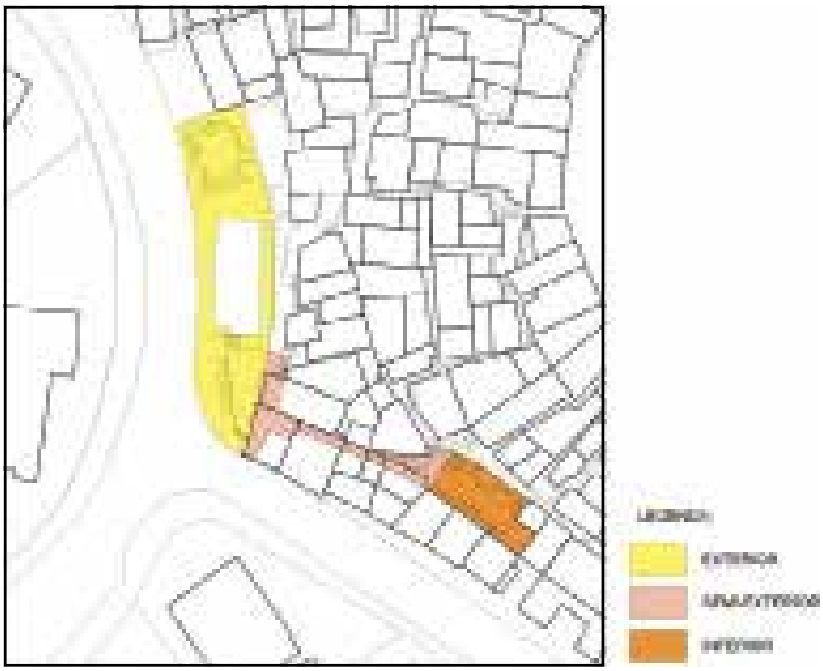

Figura 10: Hierarquização dos espaços livres estudados
Fonte: Intervenção da autora sobre base cadastral da PCRJ/1997 e topografia, 2002

A praça Vila Canoas concentra as principais instituições públicas, municipais e comunitárias, e comércio, e o uso do espaço está diretamente relacionado ao entorno construído. A edificação que concentra o POUSO[18] e o posto de saúde municipais divide a praça em dois espaços independentes. O espaço livre ao sul da edificação é uma área de permanência, com bancos e jardineiras, e funciona como sala de espera dos usuários do posto de saúde e/ou do POUSO. O caráter institucional é reforçado pela presença da sede da Associação de Moradores e Amigos de Vila Canoas – Amavica, no segundo andar da edificação comercial da entrada da favela.

O outro espaço livre a norte da edificação municipal é uma pequena área de lazer e permanência, com bancos e mesas de jogos. É muito utilizada durante o dia e serve de acesso à edificação da biblioteca e centro de informática construídos pela comunidade

após as obras do Programa Bairrinho. Ao lado da biblioteca, está localizada a principal loja de material de construção da comunidade, único estabelecimento comercial com acesso pela praça. O proprietário, o senhor Isaías, é a maior liderança comunitária de Vila Canoas e presidente de honra da Amavica.

A praça São Paulo é um pequeno largo totalmente conformado por edificações residenciais. Durante o dia, é muito utilizada como área de lazer infantil por ser único espaço livre interno à comunidade, e por isso considerado mais seguro para as crianças que a praça Vila Canoas. Também tem uso de área de permanência, porém a forte proximidade com as casas do entorno gera conflitos entre os vizinhos e os usuários da praça. Existe somente um cabeleireiro e nenhum estabelecimento comercial no entorno da praça São Paulo.

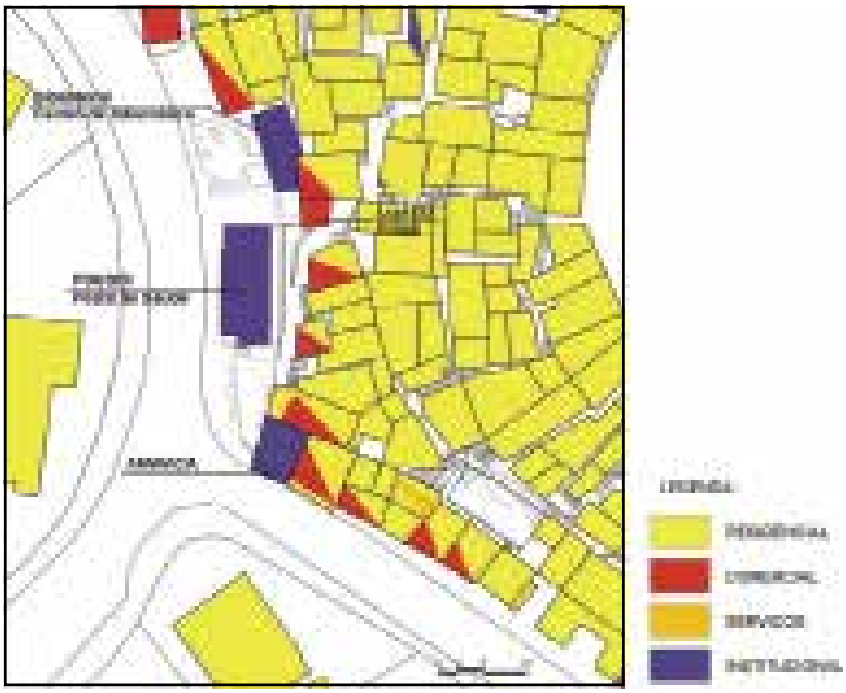

Figura 11: Mapa de uso do entorno das praças estudadas
Fonte: Intervenção da autora sobre base cadastral da PCRJ/1997 e topografia, 2002

A praça Vila Canoas tem uma forma aberta, concedendo uma sensação de amplidão ao espaço. Embora conformada por edificações do bairro formal e da favela, as casas isoladas do bairro envoltas na vegetação não formam propriamente um limite visual, a não ser pelos muros. A relação da praça com as casas da favela também é amenizada, pois há um desnível elevado entre o espaço livre e o ambiente construído. Além disso, um muro alto separa visualmente a praça das casas do entorno na favela[19]. Da praça, somente é possível visualizar o último pavimento ou terraço das edificações da favela, de dois a três pavimentos em sua maioria.

A praça São Paulo tem sua forma totalmente definida pelo ambiente construído. As edificações do entorno da praça, de três a cinco pavimentos e encostadas umas nas

outras, parecem comprimir o espaço livre. A sensação de fechamento predominante na praça é reforçada pela relação entre as alturas das edificações e as dimensões da praça[20], fazendo a área livre parecer ainda menor.

Figura 12: Mapa de gabarito da área de estudo
Fonte: Intervenção da autora sobre base cadastral da PCRJ/1997 e topografia, 2002

A opressão do ambiente construído sobre a praça São Paulo é tão intensa que essa relação interfere no comportamento dos usuários na praça. Há um conflito de escalas. O pequeno espaço livre está enclausurado em um conjunto edificado marcante. Qualquer atividade na praça se torna uma ameaça à tranqüilidade da vizinhança, que observa incomodada os movimentos dos usuários.

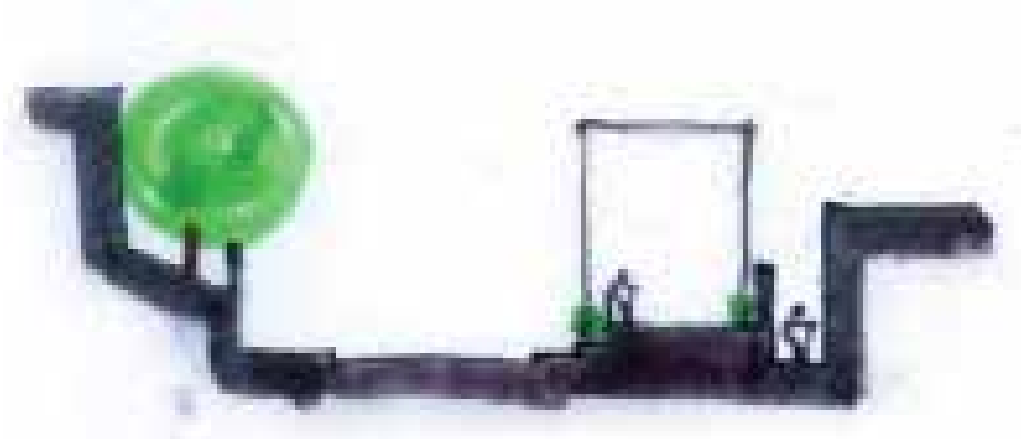

Figura 13: Corte esquemático transversal da praça Vila Canoas
Fonte: Autora

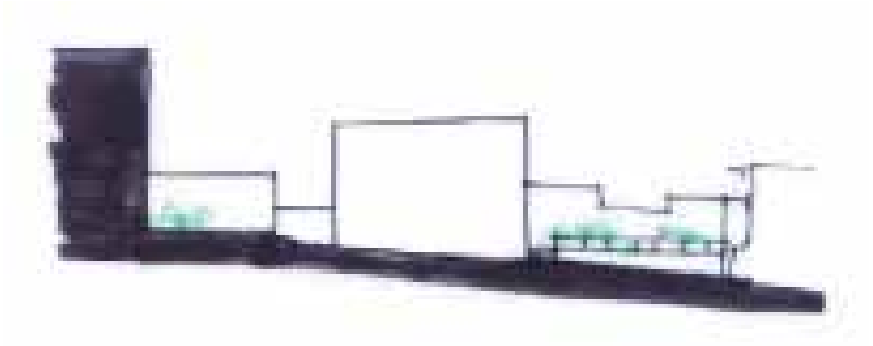

Figura 14: Corte esquemático longitudinal da praça Vila Canoas
Fonte: Autora

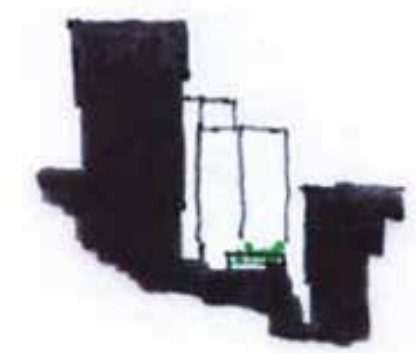

Figura 15: Corte esquemático transversal da praça São Paulo
Fonte: Autora

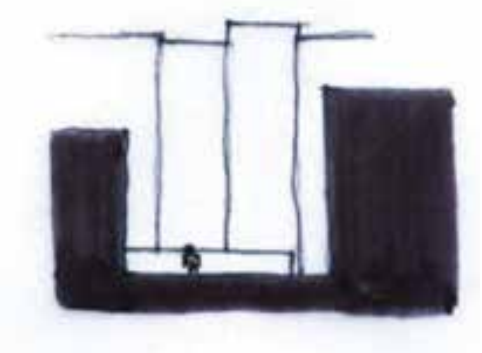

Figura 16: Corte esquemático longitudinal da praça São Paulo
Fonte: Autora

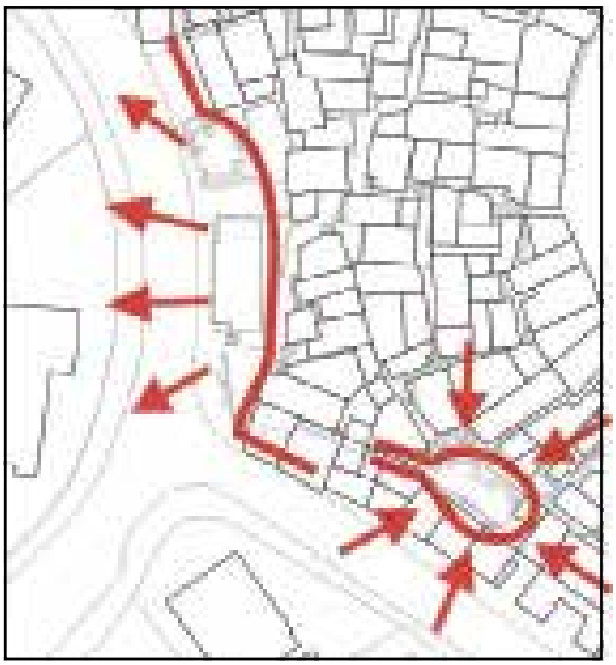

Figura 17: Esquema da relação formal das praças estudadas
Fonte: Intervenção da autora sobre base cadastral da PCRJ, 1997 e topografia, 2002

As duas praças transmitem sensações distintas que reforçam o caráter dos espaços. A altura e a proximidade entre edificações da praça São Paulo formam um corredor de som que, aliado às várias janelas abertas para a praça, gera um ambiente sem nenhuma privacidade. É o som da intimidade da casa, de conversas, de rádio e de panelas no fogão, que se escuta na praça. Os cheiros de comida e de forte umidade proveniente das construções também são característicos desse espaço. Embora seja o único espaço mais amplo interno à favela, a verticalidade do entorno que o conforma cria um ambiente de pouco vento e de pouca luz na praça São Paulo.

O caráter público da praça Vila Canoas está presente na ambiência. O fluxo de veículos da Estrada das Canoas, a grande circulação de pedestres e o comércio do entorno geram um som típico de rua, oriundo da coletividade, sem a identificação da origem de cada ruído. O cheiro de mata proveniente da vegetação do entorno formal só é abafado momentaneamente pelo cheiro de poluição de caminhões e ônibus que trafegam pela Estrada das Canoas.

Dicotomias entre os espaços livres analisados

Praça Vila Canoas	Social	Fora	Movimento	Abertura	Som da rua	Luz exterior	Muito vento	Cheiro de mata e poluição
Praça São Paulo	Íntimo	Dentro	Estática	Compressão	Som das casas	Luz interior	Pouco vento	Cheiro de umidade e comida

ESPAÇOS LIVRES E A APROPRIAÇÃO DA PAISAGEM

Os dois espaços livres analisados possuem diferentes formas de apropriação. Nota-se que o mobiliário existente – bancos, mesas de jogos e jardineiras, não tem qualquer influência sobre essa apropriação, visto que as duas praças são equipadas com os mesmos elementos. Nas duas praças, a acessibilidade, a forma e a relação entre o espaço livre e o ambiente construído são determinantes na apropriação dos espaços.

Na praça Vila Canoas, o espaço junto da biblioteca comunitária é muito utilizado pelos moradores. A forma circular, reforçada pelo desnível que define um plano horizontal e pelos elementos construídos no plano vertical, determina um espaço centrípeto, o qual remete à segurança, ao conforto e à intimidade, sentimentos apropriados para uma área de permanência. Há sempre usuários nesse espaço, seja no banco junto das jardineiras ou um grupo jogando cartas. Mesmo servindo de acesso à biblioteca, esse espaço não é encarado como pertencente à instituição, diferentemente do trecho no posto de saúde. A biblioteca tem um caráter comunitário e informal, diferindo do caráter institucional do prédio que pertence à prefeitura.

Já o espaço livre no posto de saúde praticamente não é utilizado. O guarda-corpo que cerca a área de permanência isola esse espaço da calçada. Além disso, o acesso

estreito a esse espaço localizado no posto de saúde parece configurar uma porta de entrada para uma área de recepção do posto, reforçando um caráter semiprivado a esse espaço. É no alargamento da calçada, na esquina com o beco da entrada da favela, que os usuários se concentram. A partir do final de tarde, os jovens e os moradores que chegam do trabalho sentam-se nas muretas das jardineiras ou nos degraus junto dos bares e camelôs da entrada. Mesmo o sentimento de vulnerabilidade em relação ao tráfego intenso da Estrada das Canoas não impede que os pedestres se concentrem na calçada da esquina. Nesse caso, a sensação de restrição do espaço da praça devido à acessibilidade nada convidativa é mais forte e influencia na utilização do espaço público. O entendimento do caráter privado dessa área afasta os usuários, que se identificam mais com o caráter público e aberto da calçada.

A praça São Paulo é um espaço íntimo e local. A acessibilidade e a forma centrípeta reforçam esse caráter. Interna à favela, essa praça se relaciona diretamente com as edificações residenciais do entorno que se abrem para a praça, e os vizinhos utilizam-na como espaço de transição[21] entre a rua e a casa. A relação de proximidade entre o espaço livre e as residências é determinante na utilização da praça. Há um forte controle dos moradores quanto à presença de pessoas na praça, gerando conflito entre os vizinhos e os usuários. Os vizinhos, que se apropriaram do espaço limpando-o e cuidando das jardineiras, sentem-se incomodados com a sujeira e o barulho produzidos pelos usuários. Para os vizinhos, a praça São Paulo tem um caráter semiprivado, enquanto, para os outros usuários que não moram nas proximidades, a praça é um espaço público da favela tanto quanto os becos ou a praça Vila Canoas.

Desde 2004, os vizinhos estão discutindo com a arquiteta do POUSO o fechamento da praça com portão e chave, para restringir o acesso. Ao mesmo tempo em que o fechamento do espaço público como semiprivado parece ideal para alguns moradores, estes não conseguem determinar quem terá a chave, quem poderá ou não acessar a praça e como se imporá um controle sobre os usuários.

ANÁLISE COMPARATIVA DO PROJETO ORIGINAL E O DESENHO IMPLANTADO

Como visto, o desenho urbano implantado nas duas praças não foi totalmente apropriado pelos moradores. Apresentamos uma análise comparativa do desenho urbano implantado com o projeto original, que contribuiu para a identificação dos elementos os quais geraram a falta de apropriação.

A premissa do projeto original de urbanização da praça Vila Canoas era integrar as áreas livres[22], proporcionando unidade a um espaço tão compartimentado pelos diferentes níveis impostos pela topografia do terreno. Como a área livre era muito estreita, a idéia era trazer as calçadas para dentro da praça, fazendo do espaço uma fusão entre circulações e áreas de permanência[23]. Uma diversidade de percursos por rampas e escadas interligando os diferentes níveis traria movimento e fluidez aos espaços livres. A implantação da edificação da prefeitura, que cortou a praça ao meio,

isolou as áreas livres em dois trechos. Mesmo com essa configuração, a integração e a abertura da praça para a favela eram premissas necessárias para o bom resultado dos espaços livres.

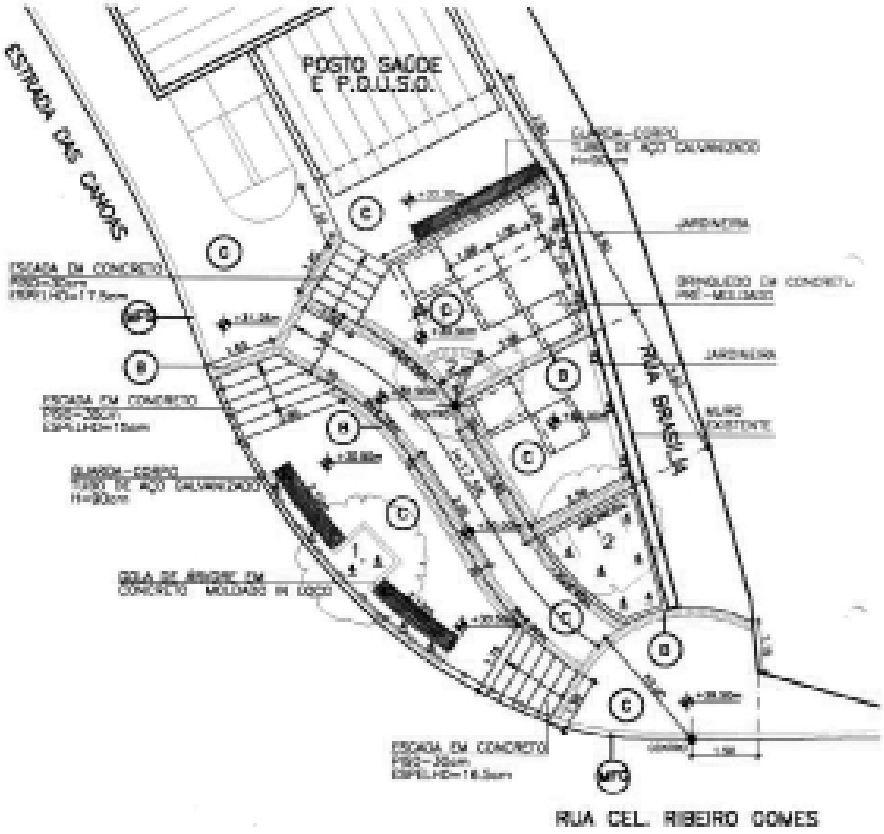

Figura 18: Reprodução da modificação do projeto original desenvolvido pela Arqui Traço Cooperativa Ltda. para a adaptação da praça Vila Canoas à implantação do posto de saúde
Fonte: Arqui Traço Cooperativa Ltda., 2000

A intervenção executada partiu para a solução oposta, na qual as calçadas estão completamente separadas do espaço interno da praça. O espaço, já restrito, ficou ainda mais espremido. As áreas de permanência e calçadas não são integradas, criando uma setorização de usos. O guarda-corpo e o desnível entre a praça e as calçadas criaram uma barreira tão marcante que o espaço interno da praça fica vazio, enquanto as jardineiras e degraus das calçadas foram apropriados pelos usuários como área de permanência. Resulta esse ser o trecho mais utilizado em toda a praça, em detrimento das outras áreas livres que ficam praticamente vazias e sem utilização na maior parte do tempo.

Também era fundamental, no conceito de integração entre o bairro e a favela do projeto original, dentro das premissas do Programa Bairrinho, abrir a praça para a favela. A integração entre as duas áreas deveria ser garantida, mesmo que só visualmente, devido ao grande desnível entre o terreno e a área interna, pela substituição dos muros que separavam os dois espaços por guarda-corpo vazado. Era também previsto,

Figura18: Trecho da praça Vila Canoas no posto de saúde
Fonte: Foto da autora, 2006

no projeto original, a ampliação do acesso à favela pela integração entre a praça e o beco principal, formando um largo que daria acesso tanto à praça quanto à favela[24]. Nenhuma dessas duas situações foi implantada e o desenho da praça resultou em uma forma virada para a rua e sem nenhuma relação com o conjunto edificado da favela. O projeto implantado não levou em consideração as premissas da proposta original e a integração não foi atingida, resultando em uma praça com pouca apropriação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do estudo das duas praças de Vila Canoas, foi possível observar a influência da estrutura morfológica e a acessibilidade na apropriação dos espaços pelos usuários. Na praça São Paulo, esses elementos são fundamentais na apropriação. A acessibilidade restrita e o ambiente construído opressor definem o caráter e as relações dos usuários com o espaço livre.

A relação de proporções entre o espaço construído e o espaço livre define sensações nem sempre desejadas em projeto e resultam em relações específicas independentes do desenho urbano. Essas relações devem ser observadas na concepção de projetos urbanos, sobretudo em favelas, onde quase sempre o espaço livre é dependente do ambiente construído. No caso da praça São Paulo, somente um equilíbrio das proporções entre o espaço livre e o entorno construído poderia garantir a apropriação adequada da paisagem.

A falta de incorporação de premissas conceituais do projeto original ao desenho urbano implantado determinou apropriações indevidas dos espaços livres. A falta de conexão entre as premissas do Programa Bairrinho e a intervenção executada na praça Vila Canoas demonstra que, nesse caso, não foi possível atingir a integração dos espaços livres com a favela e da favela com as áreas formais.

Notas

(1) Programa de urbanização de favelas de pequeno porte, de 100 a 500 domicílios, da prefeitura da cidade do Rio de Janeiro, aos moldes do Programa Favela Bairro, o Programa Bairrinho tem o objetivo de integrar as áreas informais à cidade, pela implantação de infra-estrutura urbana, equipamentos e serviços públicos. O projeto para as favelas de Vila Canoas e Pedra Bonita foi desenvolvido durante o ano de 1997 pela Arqui Traço Cooperativa Ltda, contratada pela União Européia por meio da ONG Come Noi, e tornou-se o projeto-piloto do Programa Bairrinho, abrindo o convênio entre a prefeitura e a União Européia para urbanização de favelas de pequeno porte no Rio de Janeiro.

(2) Iniciativa independente da Arqui Traço Cooperativa Ltda, o Projeto Bela Favela foi financiado pela ONG Come Noi e contou com o apoio e colaboração da Amavica e dos moradores de Vila Canoas. O projeto tinha como objetivo valorizar o espaço público da praça com o tratamento das fachadas feito pelos próprios moradores da comunidade, que aprenderiam novas técnicas de revestimento e pintura.

(3) Ver capítulo 2 de ASHIHARA, Yoshinobu. *El diseño de espacios exteriores.* Barcelona: Gustavo Gilli, 1982.

(4) Ver capítulo 1 de HERTZBERGER, Herman. *Lições de arquitetura.* São Paulo: Martins Fontes, 1999.

(5) Metodologia dos exercícios 1 e 2 da disciplina Arquitetura da Paisagem, do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura – PROARQ-FAU-UFRJ, no 1º bimestre de 2006, ministrada pela professora Vera Tângari.

(6) Segundo Macedo, o conceito de espaços livres de edificação, na malha urbana, engloba os seguintes tipos: espaços verdes, áreas verdes, áreas de lazer e áreas de circulação. Ver MACEDO, Silvio S. Espaços livres. *Paisagem e Ambiente – Ensaios*, São Paulo: FAUUSP, n. 7, p. 16-23, 1995.

(7) Durante as obras de urbanização da favela de Vila Canoas, por meio do Programa Bairrinho, o surgimento de fatos não-programados determinou a necessidade de modificações no projeto original desenvolvido pela Arqui Traço Cooperativa Ltda. O projeto da praça São Paulo foi desenvolvido, durante a obra, pelos autores do projeto original. Já o desenho urbano implantado na praça Vila Canoas é de autoria dos técnicos da Secretaria Municipal de Habitação. Durante as obras, a SMH solicitou, aos autores do projeto original, a adequação da praça Vila Canoas para a implantação de um posto de saúde na área, que não estava contemplado no projeto urbanístico original. No entanto, esse novo projeto desenvolvido pela Arqui Traço Cooperativa Ltda para a praça Vila Canoas não foi executado.

(8) A taxa média de crescimento populacional no bairro de São Conrado de 1980 a 1991 foi mais elevada que nos anos 90, sendo acima de 5%, de acordo com os dados baseados no Censo do IBGE 2000 e apresentados nos *Estudos de qualidade ambiental do geoecossistema do Maciço da Tijuca: Subsídios à regulamentação da APARU do Alto da Boa Vista*, desenvolvidos pela GEOHECO-UFRJ e SMAC-PCRJ em 2000.

(9) Segundo Ashihara, quando a distância do observador é menor que a altura das edificações observadas, em que a razão entre essas duas medidas resulta em números inferiores a 1, há a impressão de o espaço entre eles ser menor, gerando sensação de aprisionamento que tende até a claustrofobia.

(10) O reflorestamento do Maciço da Tijuca ocorreu em meados do século 19. A consciência contemporânea para preservação do meio ambiente fez com que grande parte do Maciço da Tijuca fosse protegida pela legislação, com a decretação, em 1992, da Área de Proteção Ambiental e Recuperação Urbana (APARU) do Alto da Boa Vista – Decreto Municipal n. 11.301, de 1992.

(11) De acordo com os *Estudos de qualidade ambiental do geoecossistema do Maciço da Tijuca: Subsídios à regulamentação da APARU do Alto da Boa Vista*, desenvolvidos pela GEOHECO-UFRJ e SMAC-PCRJ em 2000, a retirada das espécies rasteiras com o corte seletivo no sub-bosque provoca o desequilíbrio do bosque, resultando na dominância de outras espécies sobre as espécies nativas da Mata Atlântica, como por exemplo, a jaqueira, originária da Cochinchina, antigo nome de uma região do atual Vietnã.

(12) Fonte: Diagnóstico das comunidades Vila Canoas / Pedra Bonita – Programa Bairrinho. Rio de Janeiro: PCRJ/SMH, 1997. Arqui Traço, Cooperativa.

(13) O projeto de urbanização de Vila Canoas, do Programa Bairrinho, previa a remoção de todas as casas que estão sobre o rio Canoas. Para relocação dos moradores seriam construídas novas casas em faixa de terreno a ser negociado com o Gávea Golf & Country Club. Por dificuldades de negociações da Secretaria Municipal de Habitação com os proprietários do terreno, os moradores ainda aguardam a relocação, sem previsão de data para acontecer.

(14) Ver MACEDO, Silvio S. Espaços livres. *Paisagem Ambiente – Ensaios*. São Paulo: FAUUSP, n. 7, 1995, p. 48.

(15) Foi imposição ao projeto do posto de saúde o menor custo de construção, pois o orçamento era muito restrito. Dessa forma, devido à topografia complicada do terreno, a nova construção deveria ser implantada em um dos platôs existentes com objetivo de reduzir os custos das fundações. Pela extensão do programa, a única área plana que poderia receber a nova edificação foi o platô central. Assim, a construção do posto de saúde resultou na subdivisão da praça em dois espaços.

(16) Durante as obras, a Secretaria Municipal de Habitação solicitou à Arqui Traço Cooperativa Ltda que desenvolvesse o projeto para esse novo espaço o qual abrigou a praça São Paulo.

(17) "É natural a criação de uma ordem hierárquica a partir da conexão entre dois espaços." Ver ASHIHARA, Yoshinobu. *El diseño de espacios exteriores*. Barcelona: Gustavo Gilli, 1982, p. 83.

(18) O POUSO é o Posto de Orientação Urbanístico e Social, da Secretaria Municipal de Urbanismo da prefeitura da cidade do Rio de Janeiro, implantado nas comunidades após as obras de urbanização e infra-estrutura dos Programas Favela Bairro e Bairrinho. Funciona como um posto avançado na comunidade, no qual os técnicos de plantão têm a função de fiscalizar o novo bairro e de prestar orientação aos moradores nas novas obras.

(19) Segundo Ashihara, quando a altura do muro entre dois espaços supera a do olho humano, esse elemento interfere na relação entre esses dois espaços.

(20) A altura das casas do entorno chega a ter o dobro da menor dimensão da praça. Segundo Ashihara, quando a dimensão do espaço livre é menor que a altura das edificações do entorno, essa relação confere impressão de a distância que separa as edificações ser ainda menor.

(21) Segundo Hertzberger, a soleira é o espaço de transição e conexão entre a rua e o domínio privado. No caso da praça São Paulo, diversas casas são acessadas pelo espaço da praça, configurando-se como espaço de transição entre a área pública e o ambiente privado da casa.

(22) Ver Memorial do Projeto Básico desenvolvido pela Arqui Traço Cooperativa Ltda. em 1997.

(23) Solução projetada no projeto original para a praça Vila Canoas, pela Arqui Traço Cooperativa Ltda em 1997.

(24) Essa era umas das premissas básicas do partido urbanístico, tanto do projeto original (1997) quanto da modificação do projeto original (2000), ambos desenvolvidos pela Arqui Traço Cooperativa Ltda.

Bibliografia

ABREU, Maurício de A. *Evolução urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Iplanrio/Zahar Editores, 1988.

ARQUI TRAÇO Cooperativa. *Diagnóstico das comunidades Vila Canoas / Pedra Bonita – Programa Bairrinho*. Rio de Janeiro: PCRJ/SMH, 1997.

ARQUI TRAÇO Cooperativa. *Projeto Básico para as Comunidades Vila Canoas / Pedra Bonita – Programa Bairrinho*. Rio de Janeiro: PCRJ/SMH, 1997.

ARQUI TRAÇO Cooperativa. *Projeto Bela Favela*. Rio de Janeiro: Arqui Traço, 2001 (material de divulgação).

ASHIHARA, Yoshinobu. *El diseño de espacios exteriores*. Barcelona: Gustavo Gilli, 1982.

FRAIHA, Silvia; LOBO, Tiza. *Gávea, Rocinha & São Conrado*. Rio de Janeiro: Fraiha, 2003 (Coleção Bairros do Rio).

GEOHECO-UFRJ/SMAC-PCRJ. *Estudos de qualidade ambiental do geoecossistema do Maciço da Tijuca: Subsídios à regulamentação da APARU do Alto da Boa Vista*. Rio de Janeiro: PCRJ/SMAC, 2000.

HERTZBERGER, Herman. Lições de arquitetura. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MACEDO, Silvio S. Espaços livres. *Paisagem e Ambiente – Ensaios*, São Paulo: FAUUSP, n. 7, p.15-57, 1995.

NAKAMURA, Juliana. Com a mão na massa. *Arquitetura & Urbanismo*, São Paulo, ano 19, n. 126, p. 52-57, 2004.

Sites

http://portalgeo.rio.rj.gov.br/website/mosaico. acesso em: 09 jun. 2006.

http://pt.wikipedia.org/wiki/Cochinchina. acesso em 12 mar. 2007.

http://www.arquitraco.com.br/belafavela.htm. acesso em 15 jun. 2006.

http://www.rio.rj.gov.br/habitacao/bairrinho.htm. acesso em 15 jun. 2006.

http://www.rio.rj.gov.br/smac/. acesso em 09 jun. 2006.

http://www2.rio.rj.gov.br/smu/educacao/pouso.html# acesso em 10 jun. 2006.